

TERRITÓRIO: UMA REFLEXÃO TEÓRICA DA CATEGORIA GEOGRÁFICA E SUA EVOLUÇÃO HISTÓRICA

Denilson Manfrin Goes¹; Deivid Junior de Melo²; Leonardo Miranda Feriani³

Resumo: Sendo o território uma das categorias geográficas necessária para compreensão das relações espaciais, a partir da década de 1970, mudanças sociais significativas suscitaram a intensificação dos debates acerca do tema, notadamente proporcionados pela Geografia Crítica. Diversas contribuições foram dadas nesse sentido, evidenciando a importância da Geografia no estudo das representações espaciais. O presente artigo possui a pretensão de promover uma reflexão teórica acerca de alguns diferentes conceitos de território e ao mesmo tempo discutir a importância dessa categoria para a investigação dos estudos espaciais. Este estudo parte das considerações iniciais de Raffestin, cuja formação do território ocorre de modo concreto no espaço, com fronteiras visíveis e cujo poder é exercido pelo Estado, até as múltiplas territorialidades de Souza, o qual destaca não apenas as relações concretas, mas também as invisíveis praticadas nos mais diferentes níveis sociais e em variadas escalas. Trata-se de diferentes concepções as quais produziram diferentes abordagens territoriais, fruto da ampliação dos debates conceituais ocorridos ao longo da evolução histórica do conceito de território. Nesse contexto, a Geografia apresenta-se como a ciência do estudo das relações socioambientais, tornando-se, assim, o território, uma categoria de fundamental importância nas diferentes escalas, para compreensão das práticas atuantes e compreensão das espacialidades.

Palavras-Chave: Geografia; Epistemologia; Territorialização.

INTRODUÇÃO

As concepções geográficas de território e o modo como essa categoria é entendida no espaço geográfico, tem sido alvo de inúmeros trabalhos científicos. Revela-se assim, historicamente, a importância do tema para a ciência geográfica no estudo da superfície terrestre.

Sendo o território um dos conceitos importantes para a Geografia, análogo com as demais categorias, espaço, região, paisagem e lugar, seu estudo faz-se pertinente para compreender as diferentes formas de apropriação do espaço, seu uso e ocupação, permitindo-se compreender as relações de poder existentes na sociedade e seus reflexos na construção do espaço geográfico.

Embora o mote esteja na base do conhecimento geográfico desde a Geografia Clássica permeando até a Geografia Pós-Moderna, o uso da expressão território, historicamente, é empregue também por outros domínios de saber, como exemplos, a Biologia, as Ciências Sociais, a Antropologia, o Direito, as Ciências Políticas, porém, dotadas de diferentes significados, mas, presente entre ambas, a tensão do exercício do poder, notadamente as que estabelecem-se nas relações entre sociedade e natureza. (RAFFESTIN, 1993).

¹ Mestrando em Geografia, Departamento de Geociências, Universidade Estadual de Londrina. denilsongoes@uol.com.br;

² Mestrando em Geografia, Departamento de Geociências, Universidade Estadual de Londrina. deividfisio@hotmail.com;

³ Mestrando em Geografia, Departamento de Geociências, Universidade Estadual de Londrina. leonardo.feriani@hotmail.com

As questões geográficas espaciais/territoriais possuem extensa literatura. Isso demonstra que o tema é dotado de significativa complexidade, desde sua abordagem na Geografia Clássica até a contemporaneidade, cujos autores e pesquisadores são dignos de respeitoso reconhecimento, ao dedicarem-se até então ao estudo da temática e à produção acadêmica acerca do conceito objeto do presente trabalho.

Este, por sua vez, não possui a pretensão de realizar a crítica a uma pequena amostra de definições existentes quanto ao conceito de território. A redação que será apresentada a seguir, objetiva proporcionar reflexão acerca de alguns dos diferentes entendimentos originados do tema. Nesse sentido, o estudo busca contribuir na construção do conhecimento científico por meio de uma aproximação teórica, frente a um território dotado de ações que associam-se ou chocam-se, materializando-se, assim, as relações sociais e de poder, deixando transparecer o dinamismo e a identidade desse conceito imanente ao tempo e espaço, no campo da Ciência Geográfica.

MATERIAIS E MÉTODOS

As mudanças ocorridas na Geografia foram resultantes das motivações e representações de fatos aliados aos debates em oposição ao que estava estabelecido.

Principiando do pressuposto de que a Geografia tem como objetivo despertar o raciocínio espacial, poderíamos indagar: como a geografia constrói esse raciocínio? A partir do momento em que questiona a ocupação dos espaços geográficos e as dinâmicas das relações sociais por intermédio dos seus métodos, compreendida nesse ponto como aquela que tem por objeto o estudo do espaço geográfico, questionando as dinâmicas socioambientais, iniciando nas alterações impostas ao meio físico, de tal modo que a natureza é condição fundamental na organização do espaço e que não há meio de separá-la da sociedade nem deixá-la à margem do processo de leitura espacial.

Desse modo, quanto à abordagem e aos propósitos, a organização desse estudo envolveu os trabalhos de gabinete. Preliminarmente, foram feitos planejamento das ações baseado em um conhecimento prévio para levantamento bibliográfico, pesquisas documental e eletrônica, seleção e estudo de bibliografias que caracterizem a categoria território, redação inicial, encontros com a orientadora, correções e redação final.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O conceito de Território

Uma breve proximidade à expressão território, releva que a palavra está associada a vários elementos, cujo conceito torna-se ambíguo na medida que é compreendido de modo diferente nas áreas sociais, políticas, biológicas ou econômicas.

Num instante primeiro, recorrendo ao Dicionário Aurélio (2009), o mesmo aponta a seguinte definição:

Território: 1. Extensão considerável de terra; torrão. 2. A área de um país, ou estado, ou província, ou cidade etc. 3. Nos EUA, região que não constitui Estado e é administrada pela União. 4. Base geográfica do Estado sobre a qual ele exerce a sua soberania, e que abrange solo, rios, lagos, mares interiores, águas adjacentes, golfos, baías e portos.

Em Haesbaert (2004), o autor apresenta a definição latina de território como "terra pertencente a" - *terri* (terra) e *torium* (pertencente a). Na origem grega, o autor aponta o significado como "aterrorizar - aquele que aterroriza" - *terreo-territor*.

Os autores Barcellos e Pereira (2006) colaboram com a expressão território destacando que o termo possui variações de significados de acordo com as áreas do conhecimento científico, apresentando, como exemplos, as Ciências Sociais, cujo território é definido pelas relações entre um grupo ou sociedade e o espaço, podendo ser relacionadas ao poder, quanto às ações culturais, ou ainda, na Biologia, como sendo a área dominada por uma determinada espécie animal.

Para Gottmann (2012), o autor destaca que o conceito e a definição permaneceram, com base nas tecnologias disponíveis para as sociedades, alterando-se no tempo e no espaço. A acessibilidade tornou-se um importante fator para intervenções, permitindo assim, o controle do homem em limitar ou ampliar a capacidade de acesso das pessoas.

O Território e a Geografia

A Geografia Política clássica deve ao pensamento de Ratzel uma concepção de território nascida dos vínculos do homem com a terra, descrevendo Mendoza (1982), que caberia ao Estado o único grupo a receber uma extensão territorial contínua. O território é, nesta concepção, uma área delimitada pelas fronteiras nacionais de um Estado. Esta foi a concepção mais difundida na geografia e que mais fortemente influenciou o imaginário das pessoas.

A partir deste entendimento, buscou-se ampliar o conceito de território no sentido de incorporar novos atores, além do Estado, como "produtores" do território. Um autor que procurou retrabalhar esse

conceito, na literatura geográfica recente, foi Raffestin (1993), que, partindo de uma crítica à geografia política clássica, propõe que a chave para o estudo do território é o poder, não só o poder do Estado, mas o exercido por atores que surgem da população.

Na concepção de território surgida da Etologia, a criação de territórios é fruto do comportamento humano, em alusão à territorialidade animal. Diversas foram as críticas a esta concepção no sentido de que não se pode estabelecer comparações diretas entre o comportamento humano e o animal, pois poderíamos nos aproximar perigosamente das teses dos que defendem uma correspondência quase irrestrita entre o mundo animal e o humano (Haesbaert, 2004). Este autor comenta ainda que o maior perigo desta analogia animal é a de citar-se a origem dos homens entre os predadores para justificar um instinto não só agressivo, mas também de necessidade biológica de dominar um pedaço de terra.

Monken (2003), enaltece a tradução do conceito de territorialidade para as sociedades humanas de Robert Sack (1986), apontando que a territorialidade para seres humanos é melhor compreendida como uma estratégia espacial para afetar, influenciar, ou controlar recursos e pessoas, pelo controle de uma área; e, como territorialidade pode ser ativada e desativada.

Para esse autor, a territorialidade estaria assim intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar. Essa territorialidade está vinculada às relações de poder, como uma estratégia ou recurso estratégico que pode ser mobilizado de acordo com o grupo social e o seu contexto histórico e geográfico.

A discussão sobre território é extensa. Obras como de Raffestin (1993, p. 143), aborda a categoria geográfica território de modo diferente e ao mesmo tempo afirma ser este mais jovem que o espaço, como descreve:

É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator “territorializa” o espaço.

Para esse autor, o Estado tem seu poder afixado nas suas marcações e territoriais, visto que a sociedade também se forma por meio de marcações e divisões simbólicas invisíveis destes delineamentos de território, mantendo assim domínio sobre o espaço marcado e ocupado.

Desse modo, o autor deixa claro a importância, por meio desta afirmação, de um delineamento para que se defina a quem pertence determinado território para que este exerça o domínio e as suas relações sobre esta área marcada, afirmando ser quem articula e desenvolve qualquer atividade sobre este local, neste caso o governo se articula para realizar a marcação do território, ocupando e impondo neste local seu pertencimento.

O território é algo de intensa necessidade de pesquisa, devido a sua complexidade, atos, cultura, sociedade, relações de poder, enfim, uma série de questões que nos remete ao pensamento de como tudo isso está impregnado no local onde se desenvolveu, se torna fascinante pensar nos amores, no passado glorioso, no desenvolvimento social que um território pode apresentar. A mais intensa e interessante forma de ver o território é o olhar que temos interiorizado dentro de cada um de nós, impregnado com nossos sofismo, ideais e objetivos que nos permitem vislumbrar este território de maneiras e olhares diversos e cada olhar de cada ser é um olhar diferente e único, tornado este território magnífico aos olhos de quem vê e o sente.

Haesbaert (2004) cita em sua obra que o território possui três vertentes sendo ela política, cultural e econômica, a política é a mais difundida, pois por meio dela é que se evidencia que marca as fronteiras a quem pertence determinado território, esta relação de apropriação por fronteiras é um espaço delimitado e controlado determinado poder político de um Estado. O território marcado por relações culturais não é, necessariamente, marcado por fronteiras ou linhas.

Estes são compostos por conjuntos de crenças e costumes, pelas particularidades de cada indivíduo que habita determinada área e, por fim, a econômica que é muito evidenciada pelo mundo capitalista global atual, pois, são territórios que nos proporcionam visão da divisão da sociedade entre o que detém melhores recursos econômicos e o que não possui tais recursos.

Dessa forma, o autor agrupa as concepções de território em três modos básicos:

Jurídico-política: a mais difundida, onde o território é visto como um espaço delimitado e controlado, por meio do qual se exerce um determinado poder, na maioria das vezes visto como o poder político do Estado.

Cultural (ista): prioriza a dimensão simbólico-cultural, mas subjetiva, em que o território é visto, sobretudo como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo sobre o seu espaço.

Econômica (muitas vezes economicista): bem menos difundida, enfatiza a dimensão espacial das relações econômicas, no embate entre classes sociais e na relação capital-trabalho (HAESBART, 2004, p.40).

Os pensamentos e definições de território e espaço são distintos e diferem de alguns autores, porém outros já entram em concordância. Pois, é possível ver bem isso na definição realizada por Raffestin (1993) onde refere-se que o território é espaço político por excelência, o campo da ação do poder, então se território é o espaço da ação, o que é territorialidade? Ainda para o mesmo autor, é o espaço tomado como produto, é o espaço modificado pelo trabalho e revelam-se as relações de poder, ou seja, reflete a multidimensionalidade do vivido territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral onde os homens vivem ao mesmo tempo o processo territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e produtivas.

Haesbaert (2004) acrescenta ainda uma interpretação natural (ista) “em que se utiliza uma noção de território com base nas relações sociedade-natureza, especialmente no que se refere ao controle e

usufruto dos recursos naturais”, afirmando assim o que busca o MST ao trabalharem a agroecologia como base para o seu fortalecimento a sua resistência junto à sociedade.

O território é um dos principais e mais utilizados conceitos da Geografia, pois está diretamente relacionado aos processos de construção e transformação do espaço geográfico. Sua definição varia conforme a corrente de pensamento ou a abordagem que se realiza, mas a conceituação mais comumente adotada o relaciona ao espaço apropriado e delimitado a partir de uma relação de poder.

Segundo Souza (2013) território é um espaço definido a partir de relação de poder, ou seja, pode se dizer que o território não necessita de um espaço físico apenas para se definir e sim uma relação de poder de domínio, mesmo que o indivíduo não tenha a posse do espaço ele pode exercer o domínio sobre ele o poder, por exemplo, cita que o processo de formação territorial nem sempre ocorre por meio de expressões concretas sobre o espaço, evidencia a existência de múltiplas territorialidades, como as das prostitutas, as do narcotráfico, as do comércio ambulante evidenciando e afirmando o conceito ora aqui defendido.

O território, além de suas relações de poder, também demonstra relações de diversidade. É nas diversidades territoriais que se formam novas geografias, muitas vezes fazendo o percurso contrário aos interesses dos grupos historicamente hegemônicos.

Existem vários territórios dentro do mesmo território, como nos apresentam muitos autores e assim cria se a necessidade de analisar o espaço a partir da totalidade incluindo a dimensão tempo, por entender que o tempo é plural e ele se dá de diferentes modos, ainda que no mesmo território, o que é muito importante para entender a necessidade do camponês de se recriar frente ao capital que tenta apoderar-se de suas relações (SANTOS 2012).

Corrêa (2002, p.251) “território não é sinônimo de espaço” e discute etimologicamente território deriva do latim *terra* e *torium*, significando pertencente a alguém. Pertencente, entretanto não se vincula necessariamente à propriedade da terra, mas à sua apropriação, enquanto Souza (2013), afirma que território é um espaço definido a partir de relação de poder, porém o conceito de território é um dos que mais vêm sendo submetidos, de umas poucas décadas para cá, a fortes tentativas de redefinição e depuração.

Uma abordagem oportuna de território pode-se observar em Santos (2002, p.9), onde se denota o território como local do desenvolvimento de ações românticas, paixões, fraquezas, mais acima de tudo a relação de poder e manifestações da essência humana, agindo sobre o meio, como descreve:

A geografia alcança neste fim de século a sua era de ouro, porque a geograficidade se impõe como condição histórica na medida em que nada considerado essencial hoje se faz no mundo. Que não seja a partir do conhecimento do que é Território. O Território é um lugar em que se desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as

fraquezas isto é onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua essência.

Colaborando com a temática, Haesbaert (2004), conceitua o território como um espaço delimitado e controlado no qual se cria e exerce um determinado poder, tirando de cena todo o romantismo expresso anteriormente por Santos (2002).

O território como já dito anteriormente é algo que devemos visualizar com olhos e carinho de quem cuida de uma planta rara ou algo especial, pois é nela que se desenvolvem todas as relações, onde são ocorridos os acontecimentos de uma forma geral é neste âmbito que principalmente a vida acontece.

Quando a discussão é a disputa territorial o conceito geográfico território é o mais indicado já que se prioriza a conquista por algo concreto, delimitado por fronteiras e assim as relações de poder, que a partir daí vão consolidar este território formatando sua cultura, sua territorialidade e compactação da estrutura social e política.

Saquet et al. (2004) nos proporciona o entendimento de território como resultado do processo de territorialização ou seja, o homem vivendo em sociedade, territorializar-se por meio de suas atividades cotidianas, no campo ou na cidade ele constitui um lugar de vida, este processo é condicionado e gera as territorialidades, que são todas as relações diárias que efetivamos sejam materiais nas relações de trabalho, na família, na Igreja, nas lojas, nos bancos, na escola enfim nestas relações, as territorialidades, é que constituem o território num determinado espaço geográfico.

Haesbaert (2004) considera fundamental que se busque superar a dicotomia material/ideal que envolve cada uma das matrizes do conceito de território anteriormente ditas, encarando o território de forma integrada, envolvendo, ao mesmo tempo, a dimensão espacial material das relações sociais e o conjunto de representações sobre o espaço. Esse autor aponta ainda, duas possibilidades para a definição de território nos dias atuais: admitir vários tipos de territórios que coexistiriam no mundo contemporâneo, dependendo dos fundamentos ligados ao controle e/ou apropriação do espaço, isto é, territórios políticos, econômicos e culturais, cada um deles com uma dinâmica própria ou trabalhar com o ideário de uma nova forma de construção do território, se não de forma total, ao menos de forma integrada.

Nesse mesmo sentido, Souza (2009), colabora destacando que a formação do território não ocorre apenas por meio das concretudes no espaço, mas também, por processos de múltiplas territorialidades, a exemplo dos traficantes de drogas, dos vendedores ambulantes, das favelas. Para esse autor, desse modo, o território forma-se não apenas de modo concreto, mas também variável no tempo e no espaço, alternando-se desde as escalas global até a local, não apenas por meio das relações de poder, mas também, manifestando-se nas relações sociais, políticas, culturais.

Territorialização, Desterritorialização e Reterritorialização

A territorialização se dá ao instante em que o homem ocupa um determinado espaço e nele afixa suas raízes, culturas e meios de vida e costumes tornando este território um local propício para o desenvolvimento humano.

A discussão sobre territorialização, ganha uma visão concreta ao se trabalhar com o MST, que ao ocupar determinado território, territorializa-o com o pressuposto de conservação do meio, o objetivo do movimento, trabalhando com a Agroecologia, visando desenvolver uma territorialização objetivando a preservação dos recursos naturais. Com o progresso da globalização, difundiu-se o conceito de um mundo cada vez mais desenraizado, volátil, fluido (virtual), em detrimento de um mundo mais enraizado (territorial).

Em Haesbaert (2004, p. 132-133), o conceito de território é o mais difundido dentro da Geografia, e em sua maioria, os trabalhos focalizam sua destruição, sendo assim, a desterritorialização, sem deixar claro que a concepção de território se encontra por trás deste processo, como descreve:

Temos, então, dependendo da ênfase a um ou outro de seus aspectos, uma desterritorialização baseada numa leitura econômica (deslocalização), cartográfica (superação das distancias), “técnico-informacional” (desmaterialização das conexões), política (superação das fronteiras políticas) e cultural (desenraizamento simbólico-cultural). Na verdade, parece claro, são processos concomitantes: a economia se multilocaliza, tentando superar o entrave distancia, na medida em que se difundem conexões instantâneas que relativizam o controle físico das fronteiras políticas, promovendo, assim, certo desenraizamento das pessoas em relação aos seus espaços imediatos de vida. Mas o que se vê, na realidade, são relações muito complexas. [...] A desterritorialização que ocorre numa escala geográfica geralmente implica uma reterritorialização em outra [...].

Ianni (1995, p.93), diz que a globalização tende a desenraizar as coisas, as idéias, as pessoas, e que tudo tende a se desenraizar: mercado, mercadorias, empresa, capital, moeda, projeto, gerencia, agencia, tecnologia, publicidade. Assim se constitui o novo processo de desterritorialização, uma característica da sociedade global em formação, como segue:

O conceito de desterritorialização aplica-se não apenas a óbvios exemplos, como corporações, transnacionais e mercados monetários, mas também a grupos étnicos, lealdades ideológicas e movimentos políticos que atuam crescentemente em moldes que transcendem fronteiras e identidades territoriais específicas. A desterritorialização tem afetado as lealdades de grupos envolvidos em diásporas complexas, suas manipulações, monetárias e outras formas de riqueza e investimento, bem como as estratégicas de Estado. O debilitamento dos vínculos entre o povo, riqueza e territórios, por sua vez, tem alterado a base de muitas interações globais significativas e, simultaneamente, põe em causa a definição tradicional de Estado.

Para o autor, verifica-se o fortalecimento de barreiras/fronteiras, a sociedade global é pensada, muitas vezes, apenas na perspectiva econômica, porém, no plano político e cultural, a reafirmação de regionalismo e impedimento do livre acesso das pessoas.

Para entendermos os processos de desterritorialização deve ser consultada uma das mais importantes contribuições para a Geografia, analisando também os processos de reterritorialização que é encontrada em Haesbaert (1997, p.94).

Apesar de distinguirmos analiticamente território e rede, como já ressaltamos no capítulo anterior, estes se encontram tão articulados quanto o processo contraditório de territorialização, desterritorialização que os produz. Desse modo, as redes não podem ser vistas apenas como “destruidoras de territórios”: uma combinação articulada de redes, “malhas”, por exemplo, pode ser à base de um processo de (re) territorialização, ou seja, de formação de novos territórios.

Saquet (2003, p. 54) analisou o processo de desterritorialização de imigrantes italianos no final do sec. XIX e sua reterritorialização no Rio Grande do Sul. Para o autor, a desterritorialização está intimamente ligada a reterritorialização, citando como exemplo o assentamento dos italianos no sul do país, mas especificamente no Rio Grande do Sul, sendo entrelaçados na dinâmica espacial, como observa-se:

Ao mesmo tempo, se para os agentes promotores da colonização italiana no Rio Grande do Sul as questões econômicas e (geo) política foram às principais, para os imigrantes, a reterritorialização poderia significar melhores condições de vida. A desterritorialização italiana implicou na reterritorialização em outros lugares, onde os grupos sociais desenvolveram estratégias distintas para produzir, controlar e manter um novo território e novas territorialidades, como fruto da imbricação entre as velhas e as novas territorialidades no movimento de desterritorialização.

Para Oliven (2006, p. 160-161), a desterritorialização é um conceito utilizado para exemplificar fenômenos que se originam em um determinado espaço e que acabam migrando para outros. Para o autor, esse termo só faz sentido se for correlacionado com a reterritorialização, pois os costumes e as ideias saem de um lugar, mas entram em outro no qual se adaptam e se integram, como abaixo:

A adoção da tradição originária da região da Campanha por habitantes de outras áreas do Rio Grande do Sul significou um primeiro processo de desterritorialização da cultura gaúcha que saiu de sua origem e adquiriu novos significados e novos contextos. Hoje há CTGs em todas as regiões do Rio Grande do Sul. Como se sabe, os gaúchos, em geral os descendentes dos colonos que não conseguem terras no Rio Grande do Sul, têm migrado para outros estados em busca de terras. Isso ocorreu com Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso, Rondônia e etc. E onde há gaúchos há CTGs. Hoje, 37% dos CTGs estão no Rio Grande do Sul. A manutenção da cultura gaúcha por parte dos rio-grandenses que migraram para outros estados representa um novo processo de desterritorialização que é importante porque a cultura gaúcha continua com seus descendentes que muitas vezes nunca estiveram no Rio Grande do Sul.

Como ilustração, outro exemplo a se considerar no âmbito das dinâmicas territoriais, ocorre com o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST. O processo de territorialização e desterritorialização ocorre na ocupação de uma área, qualquer que seja. Nela se faz em existir relações de poder sobre este território, porém, o proprietário, ao conseguir a reintegração de posse dessa

área, acontece a desterritorialização do território pelos ocupantes, retornando ao proprietário que realizará novamente o seu processo de reterritorialização da área por meio relações de poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não existindo presunção de dar desfecho à reflexão acerca das relações espaciais no território, pretende-se, nessa seção, trazer à luz algumas considerações de como os apontamentos abordados no presente estudo, são relevantes para compreensão das transformações socioambientais na ciência geográfica.

Tendo como ponto de partida o território como um espaço delimitado, elaborado por Ratzel, cujas relações de poder e domínio são exercidas principalmente pelo Estado de modo concreto, ou seja, as fronteiras nacionais, Rafestin (1993), amplia os debates, posicionando o território como posterior ao espaço, entendendo que o território seria a apropriação do espaço por uma relação de poder nas relações sociais, não apenas exercido pelo Estado. A ampliação dos debates nos campos conceituais de território e sua evolução histórica, remete-o, nos dias atuais, para as múltiplas territorialidades defendidas por Souza (2009), cujas manifestações territoriais ocorrem não apenas nas fronteiras visíveis, mas também, nas mais variadas escalas, nos mais variados níveis.

A diversidade de abordagens acerca da categoria geográfica território, nos permitem refletir acerca dos limites do natural, do político, do econômico, em rede ou cultural. Em sua gênese, o território é formado por fatores materiais e simbólicos, podendo ser entendido, desse modo, considerando-se as múltiplas relações de poder, como o do poder material presente nas relações político-econômicas, bem como do poder simbólico das relações culturais e por que não, nos territórios virtuais.

No entanto, ainda há predomínio da conotação de território como um espaço definido e delimitado a partir de relações de poder. Qualquer que seja o desejo de aproximação com o território, o mesmo estará intimamente ligado ao poder, mas não apenas ao poder concreto, como também no poder mais subjetivo, no interior das dinâmicas espaciais de apropriação e dominação na sociedade moderna e na multiplicidade de suas manifestações.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Christovam; PEREIRA, Marta Priscila Bezerra. O território no programa saúde da família. *Hygeia-Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde*. Uberlândia, v. 2, n. 2, p. 47-55, 2006. Disponível em: <http://www.hygeia.ig.ufu.br>. Acesso em: 08 jul. 2018.

CORRÊA, R. L. Territorialidade e corporação: um exemplo. In: _____ *Território: globalização e fragmentação*. SANTOS, M; SOUZA, M. A. A; SILVEIRA, M. L. (Org). 5º ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Edição eletrônica. Curitiba: Positivo, 2009.

GOTTMANN, Jean. A evolução do conceito de território. Boletim Campineiro de Geografia, Campinas, v. 2, n. 3, 2012. Disponível em:

http://agbcampinas.com.br/bcg/index.php/boletim-campineiro/article/viewFile/86/2012v2n3_Gottmann. Acesso em: 23 jun. 2018.

HAESBAERT, R. Des-territorialização e identidade: a rede gaúcha no Nordeste. Niterói: Eduff, 1997.

IANNI, O. A desterritorialização. In: _____A sociedade global. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 89-105, 1995.

_____. O Mito da Desterritorialização: do "Fim dos Territórios" à Multi territorialidade. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2004.

MENDOZA J. G, JIMÉNEZ J M & CANTERO NO. El pensamiento geográfico. Madrid: Alianza Universidad, 1982.

MONKEN, M. O território na saúde: construindo referências para análises em saúde e ambiente. Universidade Estadual de Santa Catarina. Florianópolis, 2003.

OLIVEN, R. G. Território, fronteiras e identidade. In: SCHURLER, F.; BARCELLOS, M de A. (Org.) Fronteiras: arte e pensamento na época do multiculturalismo. Porto Alegre: Sulina, p. 157-166, 2006.

RAFFESTIN C. Por uma Geografia do Poder. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, L. R. S. Ensaio sobre o território do assentamento: uma perspectiva da produção agroecológica realizada por mulheres. Campo-Território: revista de geografia agrária, v. 7, n. 14, p. 1-28. 2012.

SANTOS, M. O dinheiro e o território. In: SANTOS, M.; Becker, B.; SILVA, Carlos A. F. da; [et al]. Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial. Niterói: programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense; Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2002.

SAQUET, Marcos A. O território: diferentes interpretações na literatura italiana. _____In: SAQUET, Marcos A.; SPOSITO, Eliseu S.; RIBAS, A. Território e desenvolvimento: diferentes abordagens. Francisco Beltrão/PR: UNIOESTE, p.121-147, 2004.

_____. Os tempos e os territórios da colonização italiana: o desenvolvimento econômico da Colônia Silveira Martins (RS). Porto Alegre: Edições Est, 2003.

SOUZA, Marcelo L. "Território" da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Org.). Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2009.